

# Sociologia Econômica – Épocas & Eventos (1887- 2010)\*

Supervisão: Profa. Dra. Sônia M. K.  
Guimarães (PPGS/Ufrgs)

Autoria: Dr. em Sociologia pela Ufrgs  
Odil Matheus Fontella

(\*Curso ampliado e revisto)

# Apresentação do curso - SE

- Primeiro encontro: definições e áreas da SE; questões recorrentes; revisão de clássicos do período de formação da disciplina: Weber, Simmel, Durkheim, Veblen, Schumpeter, Polanyi, Parsons & Smelser. Referências a Karl Marx, a economistas clássicos, a Werner Sombart e a Vilfredo Pareto.
- Segundo encontro: a Nova Sociologia Econômica (NSE); correntes e principais autores; outros autores e temas; principais centros de pesquisa; SE no Brasil (autores e temáticas)
- Slides das apresentações do curso sobre SE em: (<http://www.ufrgs.br/ppgsocio/producao.htm>)

# Sociologia Econômica - Definições

- A sociologia econômica é a aplicação do esquema geral, variáveis e modelos explicativos de sociologia a este complexo de atividades que se refere à produção, à distribuição, às trocas e ao consumo de bens e serviços escassos. O primeiro foco da sociologia econômica encontra-se nas atividades econômicas isoladas. O pesquisador de sociologia econômica pergunta como é que essas atividades são estruturadas em papéis e coletividades, quais os valores que a legitimam, quais as normas e sanções que as regulamentam e como interagem essas variáveis sociológicas (SMELSER, 1968, p.62).
- A sociologia econômica estuda os fatos econômicos, considerando-os como *fatos sociais*. Ela se dirige aos economistas e sociólogos, aconselhando-os a estudar estes fatos levando em conta sua *dimensão de relação social* sem esquecer, no entanto, a *dimensão comportamento egoísta*, questão central nessa problemática (STEINER, 2006, p.1).

# Sociologia Econômica - Áreas

- Mercados (construção social de preços; lucro; mercados no regime capitalista; concorrência; cooperação; valor)
- Produção (Trabalho, Capital, Tecnologia & Inovação, Organizações/ Empresas)
- Ocupações/Profissões
- Consumo
- Dinheiro ou moeda (usos sociais do dinheiro)
- Finanças (bolsa, bancos, corporações - S/As; sistemas financeiros, dimensão social de crises econômicas)
- SE dos direitos de propriedade
- Desigualdade, pobreza, Sociologia da Riqueza
- SE Histórica (Renascença, Mercantilismo, Liberalismo)
- SE e o papel do Estado (Sociologia Fiscal / Direito)

# Sociologia Econômica - Questões

- Crítica ao enfoque da ‘mão invisível do mercado’ (A. Smith)
- O mito do *homo oeconomicus* e a mudança da Economia Política para a Economia Matemática (equilíbrio geral walrasiano – Léon Walras; o ‘tateamento’ dos setores econômicos; teoria da utilidade marginal – a margem da utilidade diminui à medida que o consumo aumenta – de William Jevons; ênfase da economia no mercado e no consumidor e não na fábrica)
- Fatores irracionais – exemplos: confiança nas transações de mercados; noções de risco e incerteza; tino para empreender; identidade de empresas, mercados e marcas (exceção é a Sociologia da Escolha Racional, de James Coleman)
- A atividade econômica é atividade social
- Preço não é o único fator a ser considerado. Para além do encontro entre oferta e demanda
- SE e as “mãos sujas do pesquisador” (contra modelos abstratos)

# Formação e colapso (1887-1929) – Alemanha imperial

- Alemanha, 1900 – Max Weber e seus colegas
- Georg Simmel – *A Filosofia do Dinheiro* (1900); *Sobre a Diferenciação Social* (1890); *Sociologia* (1908); *Questões Fundamentais* (1917); *O Conflito* (1922)
- Werner Sombart – *Kapitalismus*, o termo é usado em *O Capitalismo Moderno* (1902)
- Max Weber – *A Bolsa* (1894-1896); *A Ética Protestante e o ‘Espírito’ do Capitalismo* (1904-1905 / 1920); *Psicofísica do Trabalho Industrial* (1907-9); *Economia e Sociedade* (1922); *História Geral Econômica* (1923)
- Viagem aos EUA: capitalismo ianque; atraso da Alemanha imperial; leitura prévia de Veblen (consumo)

# Formação e Colapso

- **Weber** - O **capitalismo** moderno não seria unicamente racional, contando com elementos carismáticos e mesmo irracionais, condição exemplificada na **figura do empresário** que conta muito com seu tino, sua intuição comercial ou que sempre tem a expectativa de ganhar mais dinheiro do que a taxa média de juros. Logo, o capitalismo se apresenta como dinâmico, imprevisível e paradoxal, sujeito a ameaças não exclusivamente econômicas, mas também políticas. Weber foi um grande personagem de seu tempo, marcado por profundas transformações, no caso guerras, queda de governo, o advento das teorias freudianas, o fim da chamada Era dos Impérios, a expansão da **industrialização** e o surgimento de **contestações ao regime capitalista de produção** e de manifestações operárias. Fatos marcantes: proximidade com Georg Simmel e outros intelectuais ; viagem aos EUA (1904); Grande Guerra; derrocada do Império Alemão (1918); Weimar.

# Formação e Colapso

- **Weber** – A idéia da Sociologia Econômica
- Capítulos fundamentais de Economia e Sociedade (1922): Cap. II, primeira parte – “As Categorias Sociológicas Fundamentais da Vida Econômica” e capítulo inacabado “Mercado”
- Consequências sociológicas do uso do dinheiro
- Tipos de capitalismo: racional (mercados livres), político (predatório/dominador, financiamento de conflitos/tributos), tradicional (comércio/usura)
- A Ética Protestante: multicausalidade; Calvinismo; ética da salvação e vocação para o trabalho e acumulação de riqueza (sinal de abstinência e não prazer)
- Crítica ao Socialismo: (a burocratização do) bolchevismo russo matará o socialismo

# Formação e colapso

- **Simmel:** o autor buscou sempre analisar as interações cotidianas entre os atores sociais, com o exame das aspirações dos **indivíduos** em relação ao **pertencimento grupal** desses. Assim, Simmel teorizou que em grupos de mercadores, por exemplo, poder-se-iam efetuar simultaneamente relações de associação e de isolamento, de **competição** acirrada e de partilha de interesses comuns. Em relação ao papel social do **dinheiro**, esse apresenta uma dupla face: ora promove a liberdade do indivíduo de coerções sociais externas, já que as relações em um mercado são limitadas por uma troca precisa, ora o indivíduo pode ser depreciado justamente por ter suas qualidades pessoais consideradas em termos estritamente monetários.
- Do dinheiro (substância) ao dinheiro (função / cálculo racional e impessoal)
- Fatos marcantes: proximidade com Weber; urbanização e cosmopolitismo; influência acadêmica nos EUA; preconceito contra judeus na Alemanha; visão original do capitalismo.

# Formação e colapso - França

- França, virada dos séculos XIX e XX
- Émile Durkheim – Anos em Bordeaux (1887-1902)
- Da Divisão do Trabalho Social (1893)
- Lições de Sociologia (1950, obra póstuma)
- L'Année Sociologique – laboratório de Sociologia
- Hawlbachs, tese sobre operários na Sorbonne (1912)
- Sorbonne e a cátedra de Sociologia (1913)
- “Quem quer guerrear” e a tragédia francesa (1915)
- Mauss, “O Dom” e a Antropologia Econômica (1925)
- Simiand e crítica ao *homo oeconomicus*; análise da moeda (1928-34)

# Formação e Colapso

- **Durkheim** - Considera as **instituições** como determinantes da ação social. Em sua abordagem sobre o mercado, Durkheim buscou destacar, por exemplo, o **papel que as normas morais exerciam sobre o mercado**, por meio do que ele definiu como a noção de **contrato justo ou equitativo**, em que a determinação de um valor, preço, não poderia prejudicar uma das partes envolvidas numa troca. Para Durkheim, portanto, era a norma (moral) em si que devia ser considerada, posição diversa da manifestada por Weber, que considerava como relevante a apropriação que o ator social faz da norma. Eles também divergiam em relação ao papel do **Estado** que, no caso de Durkheim, deveria ser subordinado aos ditames da sociedade e não o contrário, com a possibilidade mesma de extinção, no futuro, do Estado. Fatos marcantes: Carreira acadêmica precoce; L'Année; Cátedra de Sociologia (Sorbonne); Grande Guerra

# Formação e Colapso

- **Durkheim** – A importância não apenas das instituições, mas também das representações sociais nas atividades econômicas: a visão que operários possuem de outras classes – comerciantes, proprietários de imóveis
- Divisão do trabalho não restrita apenas a aspectos técnico-econômicos, visto que expressão da sociedade
- Múltiplas e crescentes trocas (riscos do individualismo e anomia)
- A Economia deve ser substituída pela SE (argumento que permanece de certa forma em Pierre Bourdieu)

# Formação e Colapso - EUA

- Estados Unidos, final do século XIX, início do XX
- **Thorstein Veblen** e os anos em Chicago: o ‘bárbaro erudito’ de olhar arguto e fala arrastada
- Veblen e a ostentação da classe ociosa (1899): a Economia do consumo vistoso e perdulário - dos ricos a classes menos abastadas
- Consumo conspícuo: “a fim de manter a satisfação própria (...) a marca da força pecuniária da pessoa deve ser gravada em caracteres que mesmo correndo se possa ler”
- Funcionamento interno da empresa (1904): a gestão sabotadora de firmas. O domínio do maquinário.
- Gigantismo das corporações: quando uma empresa petrolífera é obrigada pelo Estado a se desmembrar em 33 (1911)
- Economia institucional e os hábitos econômicos arraigados
- O domínio dos engenheiros
- *Crash* de 1929: a ironia havia vencido

# Formação e Colapso

- **Veblen** - A Teoria da Classe Ociosa (1899), obra ímpar de análise e de crítica social sobre o consumo. Nessa obra, o autor norte-americano, de origem norueguesa, cunhou a expressão consumo conspícuo, pela qual denunciava a exibição exacerbada da classe mais rica da sua sociedade. Veblen chamou a atenção para o consumo que não é fruto da necessidade, mas da ostentação. Figura não-convencional, Veblen à época era (pouco) reconhecido como um economista que fazia Sociologia ou um sociólogo que fazia Economia. Em 1904, publicou obra sobre a empresa industrial, antevendo as contradições da gestão e a expansão do maquinário. O autor escreveria ainda sobre o avanço de lógica de mercado no sistema de ensino americano. Fatos marcantes: o gigantismo norte-americano continha o gérmen de sua própria degradação; Grande Guerra

# Áustria, anos 20, 30 e 40

- 1918 – Fim do Império Austro-Húngaro. Viena, no centro da Europa, não é mais o Centro da Europa.
- Áustria – Uma nação falida. Contrata-se um ministro das Finanças. O empossado tem 36 anos, ex-aluno de Max Weber, já reconhecido como gênio desde 1911, quando publicou *A Teoria do Desenvolvimento Econômico*. Quando criança, já gostava de brincar com equações matemáticas.
- Joseph Schumpeter durou sete meses no cargo de ministro: “não posso administrar um país falido”.
- *A Economia com a Sociologia: História da Análise Econômica* (monumental obra póstuma).
- O gênio excêntrico: aulas com uniforme de equitação

# Áustria, anos 20, 30 e 40

- **Schumpeter** - Em *A teoria do desenvolvimento econômico* (1911), detalhou os vínculos entre **inovação**, *criação de novos mercados* e ação do empreendedor. Schumpeter considerava os **empresários** como responsáveis por mudanças que desencadeavam o desenvolvimento econômico e que se traduziriam na introdução de um novo bem; introdução de um novo método de produção; *abertura de um novo mercado (o papel do empresário na indução ao consumo)*; conquista de nova fonte de matérias-primas; e estabelecimento de nova organização de qualquer indústria, como a criação de monopólios. As novas combinações produtivas eram conduzidas por novas empresas e que, em sua maioria, não surgiam de antigas companhias. Já na década de 40, postulou que o aumento das dimensões das empresas acabaria por eliminar a figura do empresário empreendedor, com sua capacidade inovadora sendo transferida para uma **burocracia de especialistas**. Fatos marcantes: I Guerra e uma nação falida; Crash da Bolsa; II Guerra; Harvard; Socialismo; crítica a Veblen (não-matemático).

## II Guerra: outro austríaco

- De oficial de guerra preso a jornalista em Viena
- Retorno às origens da Economia como disciplina autônoma (Inglaterra, 1830)
- Mercado como “moinho satânico” (problema do século XIX).
- Tese e pesquisas em meio a II Guerra Mundial
- Apoio da Fundação Rockefeller e de colegas como Peter F. Drucker (ideias opostas).
- Brilhantismo e contestação: Karl Polanyi
- Entre os Estados Unidos e o Canadá

## II Guerra, outro austríaco

- **Polanyi** - Em sua obra principal, *A Grande Transformação* (1944), defendeu a tese de que com o advento do **pensamento liberal**, na Grã-Bretanha do século 19 (1830), a economia de mercado transformou-se, em um plano ideológico, em **sistema de mercado auto-regulável**, ou, segundo expressão do autor, um *moinho satânico* que reduz trabalho, terra e dinheiro a **mercadorias fictícias**. Assim, até aquela época, o mercado auto-regulável era desconhecido (as economias pré-capitalistas estavam *imersas* na religião e tradição) e a emergência da idéia da auto-regulação se constituiu em inversão completa da tendência do desenvolvimento.
- Polanyi, ao término da obra, exalta a *não* **consumação do mito do livre mercado** segundo o pensamento liberal, além de afirmar que a *autonomia do mercado conduziria à destruição social*. Ao final dos anos 1970, a teorização de Polanyi sobre o mercado auto-regulador será criticada por F. **Braudel**.
- Crítica a Max Weber: ‘mercadista’, sem ênfase na produção

# O primeiro resgate: anos 1950

- Guerra Fria (1945 a 1989)
- Trinta Anos de Ouro do Capitalismo (1944, Bretton Woods – 1973, Primeira Crise do Petróleo)
- Talcott Parsons domina institucionalmente a Sociologia americana nos anos 1950 e 1960.
- Economia e Sociedade (1956, Talcott Parsons e Neil J. Smelser); A Sociologia da Vida Econômica e Teoria do Comportamento Coletivo (Smelser, 1963); segunda edição de A Sociologia da Vida Econômica (1973).
- A Sociologia da Vida Econômica “não vingou”.

# O primeiro resgate

- **Mestre e aluno** - Nos anos 1950 e 1960, Parsons e seu discípulo Smelser dedicaram-se à teorização sociológica sobre a atividade econômica. Introdutor e tradutor de **Durkheim** e **Weber** nos Estados Unidos, Parsons lançou, em 1956, a obra *Economia e Sociedade*, escrita em colaboração com seu aluno mais brilhante, o então doutorando Neil Smelser. Na obra, o esquema AGIL da teoria parsoniana forneceu um instrumento onde os fatores envolvidos na vida econômica e não-econômica passam a ser então formulados como subsistemas de um sistema social mais amplo. Na trilha de teorização weberiana, **Parsons não propôs uma redefinição da Economia**, sendo seu objetivo indicar questões para a SE *complementar* a teoria econômica.
- **Polêmicas:** Swedberg procura demonstrar que Parsons pouco se ateu às discussões de Weber sobre fenômenos econômicos. A opção de Parsons em classificar a economia como mero subsistema social também seria criticada posteriormente por Granovetter. Giddens avaliou as proposições de Parsons como formalistas

# O primeiro resgate

- AGIL: Adaptação (Economia), Metas/*goals* (Política), Integração (Direito, aspectos legais/jurídicos); Latência (padrões culturais)
- Parsons, todavia, teria méritos em sua abordagem da economia, resgatando, nos anos iniciais de sua carreira, obras de clássicos como Marshall, Pareto, Weber e Sombart, estes dois últimos tema de dissertação.
- Em *Economia e Sociedade*, Parsons e Smelser trouxeram idéias interessantes como a aproximação dos subsistemas econômico e político, notadamente por intermédio de bancos.
- Mercados, dinheiro e meios generalizados de troca
- Neil Smelser prosseguiria, de tempos em tempos, a tratar de Sociologia Econômica, nos anos 1970, e principalmente no começo dos 1990, ao lado de autores como Alberto Martinelli e Richard Swedberg. Em artigo, de 2005, Smelser resgatou o legado de *Economia e Sociedade* (1956) e a visão de Parsons sobre a economia.

# O segundo resgate: NSE

- Origens e contexto histórico da Nova Sociologia Econômica
- Anos 1960/70: Monetarismo e anti-Keynesianismo (Estado)
- Meados dos anos 1970: com a teoria do Capital Humano, Gary Becker (1974, 1976) busca aplicar a ciência econômica a todos os campos: da bolsa de valores ao matrimônio.
- 1973 – 1979 – Ondas de desemprego e retração econômica dos EUA, devido às duas crises do Petróleo.
- 1973 – Mark Granovetter aborda como desempregados buscam emprego no subúrbio de Boston (a força dos laços fracos)
- 1975 – Mercados e hierarquias (O.E. Williamson)
- 1979 – Thatcherismo na Grã-Bretanha: embate com sindicato de mineiros; Falklands (1982); onda de privatizações
- 1980 – 1988 – *Reaganomics* nos EUA: Estado mínimo; armamentismo; crise da Bolsa de NY em 1987; Toyotismo

# NSE

- Os ensaios que resgatam a Sociologia Econômica:
- Harrison White (1981) - “De onde os mercados vêm”
- Mark Granovetter (1985) – “O problema da imersão”
- Richard Swedberg (1987): “Sociologia Econômica: Passado & Presente”
- Viviana Zelizer (1988): “Para além das polêmicas do mercado”
- Os primeiros manuais: Bruce Carruthers; Swedberg e Smelser; Frank Dobbin; Nicole Woolsey Biggart
- Outro pioneiro: Arthur L. Stinchcombe e seu “Sociologia Econômica” (1983)
- Neil Fligstein estuda o mercado corporativo (1990)

# NSE – ‘*Embeddedness*’

- *Para a NSE, empresas e mercados são construtos sociais, que apresentam variação institucional e contextual, inseridos em variadas formas de um sistema mais amplo, no caso o capitalista. A ênfase recai no exame das ações coletivas, nos papéis sociais, nas normas, nas sanções e nas variações institucionais e históricas que modelam arranjos econômicos e nos nexos de redes sociais que são estabelecidos pelos agentes numa esfera mercantil. Conforme Granovetter, o foco da Sociologia Econômica não está na curva da oferta e da demanda e na consideração do preço como única fonte de informação em um mercado, tal como na Economia, nem somente no arcabouço legal que sustenta as transações no mercado, como no Direito Econômico.*

# Correntes atuais

- O mercado se torna o fenômeno central na avaliação da Sociologia Econômica e a literatura se divide em correntes, em geral complementares:
- Redes sociais ou aproximação estrutural (White; Granovetter; Ronald Burt; Wayne Baker; Brian Uzzi)
- Institucionalistas (Neil Fligstein)
- Performatividade (Michel Callon; Fabian Muniesa)
- Culturalistas (autores variados: Viviana Zelizer; Paul DiMaggio; Lynette Spillman)
- Inst. Max Planck p/ Estudo das Sociedades: (Jens Beckert, Wolfgang Streeck; P. Aspers; G. Möllering)
- Gênero: Paula England e Nancy Folbre; Julie Nelson, além de obras de Viviana Zelizer; Peter Levin

# Correntes – principais autores/temas

- Granovetter – desemprego (1973); redes sociais; confiança; construção social de mercados (eletricidade, 1998, e alta-tecnologia, 2009); *business groups*, associações; corrupção (2007)
- Fligstein – arquitetura dos mercados; Estado; defesa militar; criação da Internet; corporações (1990); União Europeia (2008)
- Swedberg – revisão de clássicos; mercados; interesse econômico; bancos (2009); escândalos financeiros; divulgação da SE (1987)
- White – reprodução de mercados (1981; 1992; 2002; 2008); redes
- Zelizer – mercados (1988); infância; seguros (1979); intimidade; sentido social do dinheiro; ética e economia (2008)
- Beckert – ordenamento de mercados (2009); loteria; herança
- Aspers – clássicos; *making of* dos mercados; moda (2005, 2010)
- Callon – Teoria econômica e mercados (1998, 2008); redes

# Correntes atuais

- Resgate de clássicos por vários autores: Marx, Durkheim, Simmel, Weber, Veblen, Marshall, Pareto, Parsons, Schütz e Nietzsche em obras de Granovetter, Zelizer, Aspers, Beckert, Bourdieu, Callon etc.
- Pierre Bourdieu: Swedberg, Fligstein e Beckert se apropriam de conceitos bourdisianos (interesse; campo)
- Bourdieu e *Actes de la Recherche* (divulgação)
- Bourdieu e o estudo da casa própria (uma obra-prima)
- A variada abordagem sociológica francesa da Economia: Philippe Steiner, Robert Boyer, L. Boltanski, Pierre François, E. Lazega, O. Favereau, L. Karpik, R. Moulin; André Orléan; F. Lebaron

# Correntes atuais – autores fundamentais - análise

- Mark Granovetter – o conceito de imersão; críticas ao *homo oeconomicus* e ao *homo sociologicus*; a metodologia das redes aplicadas a vários contextos sociais e históricos
- Richard Swedberg – por que do empreendedorismo?; os tipos de capitalismo em Max Weber; bancos e crise
- Viviana A. Zelizer – o dinheiro, mais do que meio social, meio da esfera íntima; mercados e gênero; mudanças culturais: quando a morte (seguros) ou a infância se torna mercadoria
- Neil Fligstein – história social da corporação americana; mercados como arenas sociais (reunião de vendedor e comprador); Estado; teoria dos campos e habilidades
- Instituto Max Planck (Streeck, Beckert, Aspers e outros) – formação de mercados; Estado; clássicos

# Correntes atuais – outros autores

- AnnaLee Saxenian - desenvolvimento, cultura regional, inovação
- Nicole W. Biggart – SE e Trabalho, sistemas mercantis
- Karin Knorr Cetina e Alex Preda – Finanças/bolsas de valores
- Olav Velthuis – Arte e Sociologia Econômica; leilões; preços
- Peer C. Fiss, M. Indergaard, G. Neff, F. Augustsson, Peter Kollock – Sociologia Econômica e Internet; cultura do risco
- Patricia Thornton – Empreendedorismo; mercado editorial
- Carlo Trigilia – Sociologia Econômica, Economia Política e distritos industriais italianos
- Gernot Grabher – Sócio-Economia do Espaço
- David Stark e Balazs Vedres – Mercados e Pós-Socialismo no Leste Europeu (Hungria)
- Milan Zafirovski – mercados; desigualdade; SE e Economia
- Karen Bender e Randall Westgren – Agricultura; OGMs

# Correntes atuais – outros autores

- Victor Nee – Estado e mercados na China contemporânea
- Donald MacKenzie - preço; modelos financeiros
- Marc Schneiberg e Gerald Berk – Associações empresariais
- Lisa E. Keister – Sistema financeiro e estratificação social
- Tom R. Burns - Ordenamento social de mercados
- Mauro F. Guillén - Profissões; Indústria Automobilística; Internet; Globalização
- Saskia Sassen - Mercados financeiros; cultura digital; Globalização; Sociologia Urbana
- Peter Evans - Sociologia do Desenvolvimento; Estado
- Nigel Dodd - Sociologia do dinheiro (também V. Zelizer)
- Marion Fourcade e Kieran Healy - Visões morais dos mercados
- Marie France Garcia-Parpet – Mercados agrícolas
- B. Carruthers e J.F. Padgett – mercados e História Econômica

# Algumas instituições – SE hoje

- EUA – Universidades da Califórnia (Stanford, Berkeley, Davis); do Sul da Califórnia; Columbia; Princeton; Cornell; North Texas; MIT; Indiana; Pensilvânia
- Alemanha – Instituto Max Planck para o Estudo das Sociedades (MPIfG), em Colônia; Constança (Finanças)
- Holanda – Universidade de Amsterdã
- Reino Unido – LSE; Universidade de Essex (Inovação); Universidade de Edimburgo (Finanças)
- Itália – Universidade de Milão
- França – Escola das Minas de Paris
- Suécia – Universidades de Estocolmo e Uppsala
- Finlândia – Universidade de Helsinque
- Portugal – Universidade Técnica de Lisboa (Socius)

# Algumas publicações e *sites*

- American Journal of Economics and Sociology (criação 1941)
- American Behavioral Scientist
- American Journal of Sociology
- American Sociological Review
- Annual Review of Sociology
- Theory and Society
- Sociological Forum
- Current Sociology
- Economic Sociology – European Electronic Newsletter
- Politics & Society
- Economy and Society (página Cornell University)
- MPIfG (página do Max Planck p/ Estudo das Sociedades)
- Center on Organizational Innovation (Columbia University)
- Páginas de Fligstein, Swedberg, Granovetter, Aspers, Beckert

# Brasil – Sociologia Econômica

- Os primeiros textos introduzidos no país (década atual)
- Núcleos de estudo: Nusmer/Ufsc; UFRRJ; UnB; Dept. de Economia/USP; Sociologia da USP e Ufrgs (em estruturação); NESEFI (UFSCar).
- Áreas afins: Sociologias do Trabalho; da Empresa; das Organizações; das Profissões; do Dinheiro; Política; do Direito; da Medicina e da Saúde; da Agricultura; da Arte; da Música; da Comunicação; da Internet; da Educação; da Moda; do Mercado de Futebol; dos Esportes; Mercados e Políticas Públicas; Redes Sociais; Estudos de Gênero; Economia Política; Antropologia Econômica; História Econômica; Geografia Econômica; Administração; Contabilidade; Marketing.

# Brasil – Sociologia Econômica

- Alguns autores e temáticas:
- Ricardo Abramovay – mercados e combate à pobreza; mercados agrícolas; biodiesel; teoria de Fligstein
- Nadya A. Guimarães – desemprego; trajetórias; redes
- Cécile Raud – clássicos (Weber e Durkheim); revisão crítica (Granovetter, Bourdieu); mercado de alimentos funcionais; SE na França
- John Wilkinson – mercados agrícolas
- Valéria Vinha – clássicos (Polanyi, Granovetter)
- Roberto Grün – finanças; geografia do poder
- Ana Cristina Braga Martes – Weber, Schumpeter; empreendedorismo; análise de redes e SE

# Brasil – Sociologia Econômica

- Possibilidades de aproximação com Sociologia Política, Ciência Política e Sociologia da Empresa ou Inovação:
- Bruno Reis – Estado e mercado; mercado em Weber
- W. P. Mancuso – empresários, Estado e ação política
- Álvaro Bianchi – associações empresariais; ação coletiva; marxismo
- Paulo Neves Costa – associação comercial
- Ary Cesar Minella – grupos financeiros (Brasil e AL)
- Ana Maria Kirschner e Paola Cappellin – Empresas
- Inovação: Glauco Arbix
- *Publicações (geral)*: RBCS, Tempo Social, Sociologias, etc.
- “SE Brasileira”: Economic Sociology – The European Electronic Newsletter (edição de março de 2010)

# Economia

- Adam Smith e o mercado da mão invisível
- Karl Marx e o valor-trabalho ou da produção
- L. Walras e o valor-utilidade; Bolsa de valores
- J.S. Mill e a abstração do *homo oeconomicus*
- Neoclássicos - Alfred Marshall, tempo e informação; Jevons
- V. Pareto - Elites (Sociologia), Ótimo de Pareto, protecionismo
- Primeira metade do séc.XX – Schumpeter; Keynes
- Escola Austríaca e o liberalismo - Menger, Von Mises, Hayek
- Milton Friedman – Monetarismo, consumo, crítica ao Estado
- Mercados e hierarquias – O.E. Williamson
- Capital Humano e imperialismo econômico - G. Becker
- Institucionalistas - Coase, North
- De Soto – capitalismo, pobreza e direito de propriedade
- Crises do capitalismo e suas múltiplas análises